

CEDI - P. I. B.

DATA 31/12/86

COD. 540.65/55

# O ÍNDIO QUIS SER SANTO

traços biográficos de  
Zeferino Namuncurá

**5**

TERÉSIO BOSCO

COLEÇÃO **HERÓIS**

2.<sup>a</sup> edição

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO

São Paulo — 1980

“Zefirino Namuncurá”, edição original aos cuidados da  
Editora L.D.C. — Turim-Leumann (Itália)  
Tradução de P. Fausto Santa Catarina

Todos os direitos reservados à  
*Editora Salesiana Dom Bosco.*  
Rua da Mooca, 766 — C. P. 30.439  
01000 — São Paulo, SP  
Fone: (011) 279-1211 (PABX)

*Livraria Salesiana Dom Bosco*  
Praça da Sé, 17 — C. P. 30.439  
01000 — São Paulo, SP  
Fone: (011) 32-0916

## **Começa a tragédia dos araucanos**

O dia 16 de abril de 1879 era terça-feira de Páscoa. Os sinos de Buenos Aires tocavam a rebate. Oito mil soldados, chefiados pelo general Júlio Roca, deixavam a capital da jovem república argentina e marchavam para o Sul.

Começava a tragédia para os índios araucanos.

A planície interminável e semideserta que se estendia ao sul da província de Buenos Aires, os vales fertilíssimos dos grandes rios que corriam dos Andes ao Atlântico, haviam sido até então o reino incontestável dos araucanos. Uma raça altiva, rústica e guerreira. Homens maciços como troncos de árvores, que montavam a cavalo em pêlo maneando com destreza uma longa lança.

Os colonos europeus haviam penetrado lentamente e inexoravelmente em seu reino. Havia lavrado os campos, cercado os pastos melhores, fundado fazendas. Atrás dos colonos chegavam os militares, construindo fortes para defender os novos confins. Os agentes de fronteira, ignorantes muitas vezes e cruéis, exerciam toda espécie de prepotências sobre os índios, considerados pouco mais que simples animais.

Os ataques dos brancos e as duras represálias dos araucanos eram freqüentes. Travaram-se verdadeiras batalhas, centenas de mortos.

Em 1875, irritados pelas novas cercas de arame farpado feitas pelo homem branco, os araucanos elegeram um novo cacique para chefia-los na guerra, Manuel Namuncurá, e atacaram. Em incursões, fulminantes e ferozes haviam queimado as colheitas, assassinado agricultores e gaúchos, roubado rebanhos de gado que foram revendidos aos chilenos, do outro lado da Cordilheira.

Avellaneda, presidente da república argentina, procurara num primeiro momento aplacar as aguerridas tribos com novos tratados de fronteira. Mas o general Júlio Roca, vice-presidente e ministro da guerra, denunciou essas negociações como "fraquezas". Conseguiu um exército bem armado que dividiu em quatro colunas. O plano previa o rastelamento metódico de todo o vasto território dos índios. Antes de partir, Júlio Roca declarou: "É hora de acabar de uma vez com os índios. Não pode haver outras fronteiras para a República Argentina, ao sul e ao oeste, que as ondas do Oceano e os cumes dos Andes".

## **As terras sonhadas por Dom Bosco**

Com o título de capelães militares, havia dois salesianos no exército, o P. Costamagna e o clérigo Luís Botta.

Chegados à Argentina quatro anos antes, os Salesianos haviam procurado em vão um contato com os índios. Uma furiosa tempestade, em março de 1878, obrigara a retroceder o navio em que o P. Costamagna viajava rumo às terras dos índios. Sabendo que o general Roca desejava capelães para seus soldados, o P. Costamagna se apresentara. Poderia assim, ainda que de maneira estranha, chegar às terras dos araucanos sonhadas por Dom Bosco.

Os jornais da capital pintavam a expedição militar do general Roca como uma luta entre a civilização e a barbárie. Uma das esquematizações bastante cômodas que, às vezes, antecedem as guerras na tentativa de justificá-las.

## **A feroz guerrilha dos índios**

A marcha das quatro colunas militares durou de abril a julho de 1879. Os índios, praticamente desarmados, pouca resistência puderam opor às carabinas e aos esquadrões de cavalaria. Alguns foram feitos prisioneiros, outros colocados em campo de concentração na ilha de Martín García. Meninos e meninas foram vendidos como empregados domésticos nas fazendas e na cidade de Buenos Aires. “Os missionários salesianos — nota o historiador salesiano P. Céria — tiveram que

sofrer em silêncio ante a brutalidade cometida contra os filhos do deserto”.

Desligando-se do exército, organizaram a assistência religiosa às tribos que não haviam sido envolvidas na guerra e trabalharam pela paz entre vencidos e vencedores.

Manuel Namuncurá, entretanto, fugindo para a Cordilheira Andina, evitara a prisão. Reunindo ao seu redor pequenas unidades de índios decididos a lutar até o fim, deu início a sangrenta guerrilha. Suas hordas atacavam à noite fazendas e acampamentos militares e queimavam sem piedade.

O general Villegas, que Roca deixara para guarnecer a fronteira do Rio Negro, decidiu em 1882 dar um pesado golpe na guerrilha. Com repentina e grande redada aprisionou dois mil índios, homens, mulheres e crianças, que habitavam nos altos vales andinos. Nessa redada caíram prisioneiros também a mulher e quatro filhos de Manuel Namuncurá.

Foi o golpe decisivo. O grande cacique dos araucanos convenceu-se de que devia tratar da rendição. Mas sua desconfiança para com os brancos não tinha limites. Em um apenas confiava: o P. Milanésio. Esse excelente salesiano era o tipo do missionário como então se gostava de imaginar: longa barba, incansável, disposto a superar imensas distâncias para atingir as regiões e as almas a serem conquistadas para Cristo, amigo e defensor dos índios, cuja língua conseguira falar.

Escolhido como mediador de paz, o P. Milanésio convenceu Namuncurá a apresentar-se pessoal-

mente ao general Villegas para o ato de submissão, garantindo-lhe a imunidade.

A 5 de maio de 1883, o grande cacique Manuel Namuncurá entrou no forte Roca, acompanhado por outros 9 caciques e 130 homens de escolta. Deu sua palavra de que nunca mais havia de combater contra o exército argentino. Em troca recebeu título, uniforme e salário de coronel do exército. Foi entregue à sua tribo um vasto território fértil no vale do Rio Negro, ao redor de Chimpay.

### **Um menino índio por uma garrafa de cerveja**

Entretanto na imensa planície que os índios chamavam pampa, e que os mapas indicavam com o nome de Patagônia, a tragédia dos araucanos continuava.

Dispersos pela guerra, desfalcados pelas doenças que com assustadora facilidade contraíam dos civilizados, procuravam adaptar-se às formas de vida dos brancos. Mas os colonos davam-lhes impiedosa caça para fazê-los escravos.

Os acontecimentos haviam assumido aspectos de tamanha barbárie que dois deputados, no Parlamento de Buenos Aires, exigiam uma satisfação do governo. Muitos araucanos — referiam os dois deputados — haviam sido desembarcados alguns dias antes perto da capital e tinham sido divididos em duas turmas: homens de um lado, mulheres e crianças de outro. Chegado o momento de distribuir os infelizes a quem os pedisse, as crianças eram arrancadas às mães por entre o choro deses-

perado de umas e de outras, e à cena assistia impassível uma multidão de pessoas. Durante a discussão no Parlamento tornou-se público um outro episódio criminoso: um comandante havia feito fuzilar em massa 250 índios. As mulheres do grupo haviam sido abatidas enquanto seguravam nos braços os próprios filhos.

O próprio jornal da capital, *La Nación*, narra no dia 10 de novembro um acontecimento horripilante. Viajavam num trem 150 índios, destinados como escravos às fazendas que tinham necessidade de mão-de-obra a baixo preço. Na estação de Tucumán, um “civilizado” ofereceu ao sargento que comandava o trem uma garrafa de cerveja, pedindo em compensação um indiozinho. O militar pegou a garrafa com uma das mãos, com a outra abriu a porta de um vagão em que estavam amontoados os araucanos. Agarrou o primeiro menino que viu e, sem ligar para o berro do pequeno e para o desespero da mãe, deu-o ao “civilizado”.

O salesiano P. Ricciardi, em carta enviada de Viedma no dia 12 de novembro de 1885, escrevia: “Se pudéssemos revelar os crimes crudelíssimos, as torpezas, as perversidades cometidas de alguns anos para cá! Mas, se aprover a Deus, falará um dia a história e fará conhecer ao mundo quem são os verdadeiros selvagens da Patagônia” (*Annali della Società Salesiana*, I, pág. 539).

A ação dos missionários salesianos procurava incutir naquela sociedade de rudes e calejados pioneiros o fermento da fé e da moral cristã. A única política possível era a tentativa de transformar



aqueles homens brutais em gente que respeita o próximo, que vê também no “selvagem” um filho de Deus e, por conseguinte, um irmão.

### **Entre os silenciosos guerreiros, um menino de oito anos**

Uma das injustiças praticadas pelos “civilizados” contra os araucanos verificou-se em 1894. Ordenaram ao grande cacique Manuel Namuncurá, já velho e encanecido, que abandonasse as terras que lhe haviam sido confiadas pelo governo. Em compensação, concediam-se à sua tribo oito léguas quadradas no alto vale do rio Aluminé, entre os picos nevosos dos Andes.

Os araucanos supérstites, que nada podiam fazer contra tão flagrante deslealdade, partiram para longa viagem rumo à terra do exílio. Ao lado do velho cacique, rodeado de silenciosos guerreiros, saltitava um menino de 8 anos, o sexto dos doze filhos de Namuncurá. O mais inteligente. Chamavam-no Morales. Mas logo o pai havia de mudar-lhe o nome, chamando-o Zeferino.

Numa de suas três excursões missionárias, o P. Milanésio avançara até Chimpay e havia batizado o pequeno.

Todavia um outro “batismo”, muito mais aventuroso, recebera Zeferino aos seis anos. Brincava às margens do remoinhoso Rio Negro com outros meninos quando escorregou numa pedra e foi arrastado pela corrente. Os meninos gritaram, acorreram muitas pessoas. Mas não havia nada a fazer: atirar-se naqueles redemoinhos era uma

loucura. No entanto Zeferino conseguiu safar-se. A água do rio atirou-o quase por milagre à margem, são e salvo.

Agosto de 1897. O velho Namuncurá discutiu longamente com os anciãos da tribo. Nem todos estão de acordo com ele, mas o grão-cacique tomou uma decisão. Anuncia a Zeferino que farão uma longa viagem: vai levá-lo a Buenos Aires, a um colégio dos brancos.

— Você é inteligente e vai sair-se bem. É a última esperança das nossas tribos. Quando homem deverá defender os direitos dos araucanos, lutar de igual com os civilizados. De outra sorte, nossa raça acabará de vez.

Zeferino tinha apenas onze anos, mas não haveria jamais de esquecer a última noite no Aluminé. Diante da cabana de seu pai reunira-se o parlamento da tribo, e um ancião abraçando-o lhe disse: seja sempre fiel à sua raça.

### **Fracasso na Escola Militar**

Ao chegar a Buenos Aires, Manuel Namuncurá valeu-se do grau de coronel e levou Zeferino à Escola Militar. Foi recebido com as honras devidas ao posto, e ao filho conferida uma bolsa de estudo.

Mas quando, dias depois, o cacique tornou a ver Zeferino antes de empreender a viagem de volta, encontrou-o deprimido e humilhado. A disciplina férrea, as ferozes brincadeiras dos colegas, haviam-no em poucos dias aterrorizado. Com lágrimas nos olhos pediu ao pai que o retirasse da es-

cola. Namuncurá, num primeiro momento, pensou em abandonar a tentativa e levar Zeferino outra vez para as cabanas do Aluminé. Depois, porém, decidiu-se por nova experiência. Fez-se apresentar ao ex-presidente Sáenz Peña, um gentil homem, amigo dos índios. Da conversa surgiu uma nova proposta:

— Por que não o leva ao colégio dos Salesianos? É uma grande família, e seu filho vai sentir-se bem.

D. João Cagliari, Vigário Apostólico da Patagônia, encontrava-se, naqueles dias, no colégio salesiano. O encontro foi cordialíssimo. Almoçaram juntos, e no fim o bispo fez-se fotografar com o cacique Numuncurá à direita, estreitando a mão de Zeferino.

O pequeno araucano, que se assustara com a escola militar, sentiu-se muito bem no colégio salesiano. Demonstrou logo uma vontade tenaz, mas também um forte instinto de liberdade total e prepotente. Por alguns meses recusou-se a entrar na fila com os demais. Ficava sempre de lado, olhando em silêncio, como uma coisa incompreensível, aquele espetáculo de ordem e disciplina. Para sorte sua, encontrou educadores compreensivos e pacientes.

No brinquedo dava largas a toda a sua vitalidade primitiva. Sentia-se feliz em correr, mas havia um dia na semana em que ficava triste: a quinta-feira. O dia da visita dos pais. Via papais e mãães chegarem com pequenos presentes, e ele permanecia de lado. Ao diretor, P. Pagliero, que

lhe perguntou o porquê da tristeza, respondeu na sua maneira ainda incerta de se exprimir:

— Ninguém me visita, ninguém me traz nada.

### Uma lâmpada para resistir ainda

Nas aulas demonstrava inteligência e vivacidade. Aprendeu a ler em pouquíssimo tempo, adquiriu uma caligrafia nítida e enérgica, e dentro de poucos meses conseguiu exprimir-se bastante bem em espanhol.

Em setembro de 1898 Zeferino recebeu a Primeira Comunhão. Com a lealdade característica da sua raça, Zeferino considerou o acontecimento como um compromisso que o haveria de vincular por toda a vida. Aceitando o encontro com o Senhor, empenhava-se em viver como filho de Deus.

Já na véspera deu prova da seriedade de seu compromisso. Usando de violência para consigo, adiantou-se em “fazer as pazes” com um colega que o ofendera gravemente durante o recreio.

À medida que crescia, iam-se marcando em seu rosto os traços característicos da raça: lábios grossos, zigomas salientes, pele escura. Paralelamente desenvolviam-se nele as tendências dos araucanos: um desejo incontido de vida livre, independente, ao ar livre. Os bancos escolares eram para ele gaiolas incômodas. Compreendeu-o um dia seu professor, o P. Bertagna, quando, ao fazê-lo trocar de lugar, viu-o confuso e sentido.

— Veja — explicou Zeferino hesitante. — Do lugar de antes, via pela janela a lâmpada do San-

tíssimo. Quando não agüentava mais ficar quieto, e as horas me pareciam longas de morrer, olhava lá para baixo e pedia a Jesus força para continuar. No novo lugar não vejo mais a lâmpada do Santíssimo. Para mim vai ser mais duro.

### Uma barba grisalha e um ideal

O colégio salesiano de Buenos Aires era a “casa mãe” das obras salesianas na Argentina. Por ele passavam e se hospedavam todos os missionários que iam e vinham da Patagônia e das regiões austrais da Terra do Fogo. Um dia chegou o P. José Beauvoir. Voltava de longa viagem à Terra do Fogo, onde vivera como missionário entre os índios Alacalúfi. Dos extremos confins da terra americana trouxera arcos e flechas. Zeferino empunhou-os com mão firme e, ante o espanto dos colegas, deu uma extraordinária demonstração de habilidade no manejo das armas.

Mas o missionário que mais fascinava Zeferino era o P. Milanésio, o sacerdote que o batizara. Os índios veneravam de tal modo o ardoroso missionário que, quando eram maltratados pelos “civis” e não achavam defesa, repetiam-lhe o nome como de um anjo que os pudesse salvar. Quando Zeferino via a barba grisalha do P. Milanésio apontar na portaria, voava-lhe ao encontro.

Foi a figura do P. Milanésio que fez nascer na mente do pequeno araucano um novo ideal de vida. O pai talvez esperasse dele um militar ou um político, capaz de defender os direitos da raça. Zeferino contudo começou a desejar ser como o

P. Milanésio: voltar à sua gente como sacerdote e missionário, defendê-la dos “civilizados”, mas também livrá-la das superstições, do álcool, dos costumes bárbaros que consideravam sagrada a vingança e honrosa a morte do inimigo.

Ao P. Luís Pedemonte, que lhe perguntava por que estudava com tanto afinco a religião, respondeu:

— Porque, quando for grande, quero ensiná-la à minha tribo.

### **A longa viagem para o sul**

Mas justamente nesses anos grave ameaça começou a esboçar-se no horizonte de sua curta existência. Os índios, fortíssimos em seu ambiente, em contato com os brancos revelaram-se indefesos contra os germes das doenças mais comuns. Resfriados e bronquites transformavam-se rapidamente em tuberculose, que ceifava vítimas aos milhares. No quarto ano de sua permanência em Buenos Aires, a saúde de Zeferino começou a declinar. Uma tosse insistente, e rebelde à cura, cansava-lhe os pulmões.

D. Cagliari pensou em conduzi-lo a um ambiente mais salubre. Residia em Viedma, cidade 800 quilômetros mais ao sul, na foz do Rio Negro. Em Viedma havia também um colégio salesiano. Lá Zeferino encontraria um clima muito mais semelhante ao de Chimpay, onde nascera.

Os 800 quilômetros que separam Buenos Aires de Viedma percorrem-se hoje em duas horas de

avião. Em 1901, porém, havia um trem vagaroso até dois terços da viagem. Os últimos 250 quilômetros exigiam seis dias de penosa viagem numa comprida carreta puxada por cavalos e rebatizada com o nome muito significativo de “galera”.

Uma estrada poeirenta e penosa atravessava o pampa inculto e selvagem. O sol batia feroz. Em dias de tempestade o vento do pampa levantava nuvens de areia que se atiravam sobre a “galera”, espantando os cavalos.

## **Volta ao Aluminé**

D. Cagliari e Zeferino chegaram a Viedma em fins de 1901. O araucano de quinze anos descansou alguns dias, para depois subir o Rio Negro e voltar a abraçar o velho pai e os irmãos. Por trinta dias respirou o ar fino dos Andes, rasgou com os dentes a carne de caça assada nos fogos do campo, dormiu nas barracas envolto na pele quente do guanaco. Sentiu-se melhor, mas a tosse insidiosa não desapareceu. Ao contrário, as noites frias tornavam-na mais freqüente e torturante.

Voltou a Viedma, ao colégio salesiano “São Francisco de Sales”, e iniciou o ano escolar com a diligência de costume. Manteve demoradas conversas com D. Cagliari. O bispo estava preparando, para a primavera de 1902, uma visita pastoral a todos os territórios andinos e procurava conhecer melhor os costumes dos índios. Esperava que Zeferino o acompanhasse, mas quando, em março, chegou a hora da partida, a saúde do jovem araucano era precária. E D. Cagliari preferiu deixá-

-lo na colônia agrícola aberta pelos salesianos nos campos de Viedma, onde Zeferino gostava de cavalgar os potros e curvetear sem sela nem rédea.

### **“Morrer também meu povo”**

No rio Aluminé o bispo, acompanhado pelo P. Milanésio, administrou o batismo a todos os componentes da tribo, regularizou os matrimônios e a 25 de março deu a Primeira Comunhão ao cacique Namuncurá. Mas o que viu ao seu redor não lhe causou alegria. Os índios, por causa da miséria e da doença, estavam desaparecendo rapidamente. No seu espanhol titubeante, o grande cacique lhe disse palavras tristes:

— Eu, senhor, velho. Velho e morrer. Morrer também meu povo.

1903. Zeferino completa 17 anos. A saúde parece recuperar-se, e ele decide iniciar o estudo do latim. Um colega de aula, que depois se tornou sacerdote, recorda: “Foi-lhe difícil aprender a análise lógica, os verbos, as construções. Mas pude observar a meticulosidade e o empenho que punha nos trabalhos escolares. As traduções para o latim custavam-lhe muita fadiga”.

Aos 17 anos, Zeferino era um rapaz alto, maciço. Os pequeninos das primeiras classes gostavam de sua companhia, e os salesianos permitiam-lhe com gosto que estivesse entre eles, como um assistente. O araucano não sentia mais prazer em participar dos recreios barulhentos, mas na sombra dos pórticos contava aos pequenos amigos as histórias da sua raça.



Acendiam-se-lhe os olhos ao descrever as cavalgadas no pampa, a caça ao guanaco que fornecia aos índios a carne gostosa e pele macia. Narrava as dramáticas proezas do grande cacique Calcufurá, pai de seu pai, que se instalara em Salinas Grandes como um rei e tratara de igual para igual com o governador de Buenos Aires...

## A história do povo araucano

Os araucanos haviam baixado um dia das pedregosas montanhas da Cordilheira para as imensas planícies do Leste. Seu nome indica que vinham do vale de *Arauco*, onde os antepassados haviam entrado em contato com a antiga e evoluída civilização dos *Incas*, o misterioso povo do Peru.

Pele bronzeada, cabelos nigérrimos presos às têmporas por cordões de couro, dentes brancos e cintilantes, queixo sem barba, os araucanos eram uma raça ativa e guerreira, que odiava mais que qualquer coisa no mundo a escravidão e ser servos.

A vida deles era a caça. Não cultivavam a terra, mas perseguiram na interminável planície do pampa as manadas de guanacos, os bandos de avestruzes e outros animais selvagens que formavam sua inexaurível reserva.

Por centenas de anos perseguiram a caça a pé: longos dias de perseguições contínuas, em que a velocidade e a resistência se alternavam com a astúcia. Quando os animais cansavam, soltavam os arcos, e as flechas sibilavam com duríssimas pontas de sílex.

Em 1500, quando os primeiros colonos espanhóis introduziram o cavalo, a vida do índio mudou radicalmente. O pampa tornou-se em pouco tempo o descampado em que os cavalos xucros cresciam à solta e pateavam livres como o ar. Galopando no lombo de um potro, o araucano sentiu-se de golpe soberano indiscutível de sua terra, as distâncias se encurtaram. Trocou o arco por uma rude lança, e suas caças tornaram-se mortíferas. Houve terríveis matanças de guanacos. Esse animal fornecera sempre ao índio a pele espessa e avermelhada, que o defendia dos gélidos ventos austrais e formava as paredes portáteis do *toldo*, a pequena e quente habitação do deserto.

As terríveis caças a cavalo levaram o guanaco à beira da extinção. Felizmente o araucano descobriu que também o cavalo podia oferecer-lhe o que até então lhe havia dado o guanaco: tornou-se ávido de carne eqüina e aprendeu a curtir a pele do fiel companheiro de caça. O cavalo tornou-se um elemento tão indispensável na sua vida que, ao morrer um índio, sacrificavam-lhe na tumba o cavalo: para que o espírito, no reino de além-tumba, pudesse ainda galopar e participar da caça.

### **“Dá a cada peito coragem para combater e vencer”**

A religião dos araucanos era simples. Não tinham ídolos nem templos. Acreditavam na existência de dois espíritos, um bom e outro mau, e na sobrevivência dos espíritos. O homem da religião, temido e venerado, era o feiticeiro.

Antes da caça e quando uma doença ou uma tempestade de neve se abatia sobre as aldeias do pampa, os Araucanos rezavam. Pediam ao *Grande Espírito* a libertação do mal, longa vida, carnes e roupas e a força de vencer o inimigo.

Uma das orações que rezavam ao cair a noite, na soleira dos *toldos*, dizia:

“Se possuímos ovelhas, cavalos e guanacos, é por tua vontade, ó Grande Espírito.

Por tua vontade o solo produz trigo, batatas e brotos.

Quando a terra sofre seca, desaparecem os pastos, o gado emagrece e morre. Mas tu, que és bom, escuta nossos gemidos, acolhe nossas súplicas e manda-nos a chuva.

Fala-nos nos sonhos e revela-nos a verdade.

E se o inimigo avança contra nós, abençoa nossas lanças, dá-nos a cada peito coragem para combater e vencer”.

No seio do grande povo araucano era difícil rebentarem guerras ou rixas, porque a organização política era simplíssima e eficaz. Estavam divididos em tribos, cada uma delas compreendendo trinta ou quarenta famílias, podendo dispor de uma determinada zona da imensa planície.

À frente de cada tribo achava-se um cacique. Era escolhido entre os mais corajosos guerreiros da tribo. Sua autoridade exercia-se sobretudo em tempo de guerra. Nos períodos de paz era consultado no caso de rixas entre famílias, guiava sua gente nas grandes caças, nas migrações periódicas

de um território a outro, e superintendia a divisão da presa de caça e de guerra.

Acima do cacique estava o grão-cacique: o verdadeiro soberano das tribos araucanas. Era livremente eleito pelos caciques menores, para guiar o povo na guerra.

Os pequenos araucanos eram treinados para suportar a fome e a sede, dormir por terra, enfrentar a chuva e o vento, bastar a si mesmos por longos períodos de tempo. Cresciam destarte vigilantes e fortes, preparados para uma vida dura e sem conforto.

### **Os terrificantes “malones”**

Os conquistadores espanhóis, comandados por Don Pedro Mendoza, fundaram em 1536 a cidade de Buenos Aires. E precisamente nesse ano travaram-se os primeiros sangrentos combates entre conquistadores e índios. A própria Buenos Aires, que não passava então de um conjunto de choupanas, foi tomada de assalto e destruída pelas flechas incendiárias dos araucanos.

Toda tentativa de subir os grandes rios para colonizar o interior foi acompanhada de ásperas batalhas entre espanhóis e índios.

De 1610 a 1725 vários padres jesuítas, provenientes do Chile, tentaram penetrar no território araucano, para pregar o Evangelho. Mas para os índios era difícil distinguir entre os brancos que os procuravam para os ajudar e os que vinham para conquistar-lhes as terras. Os padres jesuítas

foram trucidados, as residências missionárias destruídas.

Contra os brancos que lenta mas inexoravelmente avançavam rio acima, os araucanos empregavam a tática de guerra chamada “malones”. Retrocediam lentamente, por anos pareciam conformados com o avanço branco. Depois, de chofre e sobretudo à noite, irrompiam violentamente. Montando fogosos cavalos, penetravam no território branco, cercavam as fazendas, queimavam, matavam. Morte e ruína, em poucas horas, em toda uma região.

### **Um guerreiro gigantesco, forte e terrível: Calchufurá**

25 de maio de 1810. Os argentinos não aceitam os vice-reis espanhóis e proclamam-se independentes. Nasce a República Argentina.

1833. Don Juan Manuel Rosas, à frente de poderosa coluna militar, marcha para o coração do pampa. Começa a primeira guerra de extermínio contra os araucanos. Caem trucidados 1.150 índios e 11 caciques. Outros 11 caciques e 400 guerreiros caem prisioneiros nas mãos dos soldados. Os araucanos são entregues como escravos às fazendas argentinas. Seus rebanhos, 8.000 reses, são requisitados como presa de guerra.

As tribos sobreviventes estão reduzidas à fome. Rosas volta a Buenos Aires, aclamado “herói do deserto”. Dirige uma proclamação às tropas: “Vossas espadas destruíram o reino dos índios, castigaram os crimes, vingaram os ultrajes sofridos há séculos... Sois beneméritos da Pátria!”.

Os araucanos, porém, não são desse parecer. Passada a violenta borrasca, enquanto Rosas se torna ditador e tirano de Buenos Aires, as tribos restantes formam uma coalizão e sonham vingança.

Há um homem que encarna o espírito araucano: um guerreiro gigantesco, forte e terrível como um touro do pampa. Chama-se Calcuturá. Será por quarenta anos o rei da grande planície.

Em 1852 o ditador Rosas é derrubado. Calcuturá, ao contrário, tem milhares de guerreiros prontos a um aceno seu. Suas incursões, dos Andes ao Atlântico, semeiam o terror.

Uma após outra, as populações agrícolas fogem aterrorizadas para refugiar-se nas cidades. Os incêndios iluminam sinistramente a pradaria imensa.

Em 1853 o *malón* dos índios atinge o ápice. A situação dos colonos brancos é desesperada. Calcuturá, insolentemente, anuncia a cada aldeia em que lua será atacada e saqueada. O governo central é impotente: recua a linha de limite (que Rosas havia avançado para o interior) para as velhas posições de 1833 e pede a Calcuturá que discuta a paz.

### **“Temos todos necessidade de longa paz”**

É o momento do máximo triunfo araucano. Calcuturá escreve uma nobre carta aos governadores argentinos: “Esquecerei tudo e procurarei chegar a um acordo com os senhores, porque os

mortos morreram, e temos todos necessidade de longa paz”.

No tratado de paz, o grande cacique aceita a soberania da nação sobre o território habitado pela tribo. Por sua vez o governo reconhece a Calcuturá e a seu povo o direito de ocupar o pampa e garante aos índios o necessário à vida.

Um só erro, gravíssimo, comete Calcuturá: aceita quantidade enorme de álcool, que dentro de pouco tempo enfraquecerá a raça e levá-la-á à ruína.

O grande cacique se estabelece em Salinas Grandes e de lá acompanha com atenção as vicissitudes internas da política, que naquele ano é muito borrascosa.

1859. A Argentina é abalada pela guerra civil: a província de Buenos Aires contra o resto da nação. Calcuturá não consegue resistir ao apelo da batalha. À testa de dois mil índios alia-se ao general Urquiza (chefe da Confederação Argentina) e invade a província de Buenos Aires. Um flagelo terrível: fazendas depredadas, povoados destruídos, colheitas incendiadas. Mais uma vez os governantes pedem paz.

## O desastre de San Carlos

1872. Um comandante de fronteira ultrajou um grupo de índios. Calcuturá, agora com setenta anos, lança ainda o grito de guerra. Atravessa a fronteira à frente de 3.500 guerreiros. É o último *malón* dos araucanos. Renovam-se em proporções

gigantescas a carnificina e os incêndios. Mas o general Rivas, à frente de um forte contingente de tropas, consegue deter Calcufurá nas imediações do forte San Carlos e dá-lhes combate.

Seis horas de carga cerrada dos índios contra as fileiras compactas dos fuzileiros. Calcufurá põe em ação todas as suas reservas, mas não consegue derrotar os soldados. Ao pôr-do-sol mais de mil guerreiros araucanos jazem mortos na planície de San Carlos.

Os araucanos pedem paz e se retiram para o interior. Mas os brancos farão pagar caro as longas humilhações a que os submetera Calcufurá. Cercarão de arame farpado zonas cada vez maiores, sempre mais profundas, empurrando os índios para as áridas montanhas.

Os araucanos revoltar-se-ão mais uma vez, sob o comando de Manuel Namuncurá, o filho mais moço do legendário Calcufurá. Mas será a última labareda. As quatro colunas militares do general Júlio Roca haverão de quebrantá-los para sempre.

## **A grande viagem à Itália**

Quando Zeferino acabava de contar as façanhas dos araucanos, os meninos orientados por ele faziam arcos e lanças, empenhavam-se em manobras e batalhas.

Depois Zeferino levava-os à igreja e rezava com eles pelos araucanos, o seu povo espalhado pelos pampas e pelos montes: "Olhava para ele



quando rezava — lembra um daqueles meninos. — Parecia mesmo um anjo”.

Em fins de 1903, quase de repente, a saúde de Zeferino sofreu um abalo espantoso. Reapareceu a tosse violenta. O rosto tornou-se pálido e magro. A tuberculose havia atacado irreparavelmente seus pulmões. Teve de interromper os estudos e acamar-se. Assim ficou por muito tempo. Quando retomou a vida de todos os dias, todos compreenderam que Zeferino não havia sarado. Poderia durar ainda alguns meses, alguns anos, quem sabe! Mas a medicina do tempo era impotente contra a tuberculose. A sorte de Zeferino estava selada.

Abril de 1904. D. Cagliari é nomeado arcebispo e chamado a Roma pelo Papa. Zeferino, que tinha muita confiança nele, pede-lhe que o leve consigo. O bispo hesita. Depois pede, através do P. Milanésio, a opinião do pai. Somente após o consentimento do velho cacique diz a Zeferino que o levará à Itália.

Nós hoje nos perguntamos: por quê? Nenhum documento nos esclarece sobre os motivos dessa decisão. Provavelmente D. Cagliari pensou que o clima italiano, juntamente com a medicina que na Europa fazia grandes progressos, haveria de curar Zeferino. Na viagem, D. Cagliari estava acompanhado pelo P. Garrone, muito entendido na arte médica, que em Viedma chamavam “o padre médico”.

Agosto de 1904. Após tranqüila viagem, D. Cagliari e Zeferino desembarcam em Gênova e sobem a Turim. Acolhe-os paternalmente o P. Rua, o primeiro sucessor de Dom Bosco. Zeferino ou-

vira muitas vezes os salesianos da América falar de Valdocco, de Dom Bosco.

Com os olhos arregalados, ajoelha-se ao pé do grande quadro de Maria Auxiliadora, sobe a Val-sállice para rezar junto à tumba do fundador dos salesianos, percorre lentamente os pátios de Valdocco, onde Dom Bosco reunia os primeiros meninos e os enchia de entusiasmo ao falar-lhes das missões entre os índios da América.

Escreve ao pai: “Não se preocupem comigo. Tenho sempre ao lado um médico que cuida da minha saúde. Estou sempre na companhia de D. Cagliero, amigo de casa”.

Em setembro D. Cagliero desce a Roma e apresenta Zeferino ao Papa. Pio X tem um instante de comoção à visão do jovem araucano. Convida os missionários a irem ao seu escritório, acomoda-os como velhos amigos e trava com eles longa e afetuosa conversa.

### **Depôs os livros, cruzou os braços, ergueu os olhos**

Voltam a Turim. O esplêndido outono daquele ano parece restituir energias ao filho do cacique. Com o coadjutor salesiano José Arrio percorre as avenidas arborizadas de Turim, sobe as colinas, admira praças e monumentos. Seu acompanhante recorda: “Tudo o que via lembrava-lhe a pátria. Dela falava com ilimitado afeto. Parecia venerá-la, sua terra argentina”.

Em outubro Zeferino começa os estudos na Itália. Foi destinado à aula de um clérigo muito

jovem, João Luís Zuretti. Eis um seu testemunho, escrito na linguagem cândida e levemente florida de 1904:

“Dia 10 de outubro, assim que voltaram das férias, os meninos viram com bastante curiosidade o misterioso jovem estrangeiro, de feições tão diferentes das nossas e de cor escura. Souberam que Zeferino vinha das estepes patagônicas e era filho de um valente cacique que se distinguira nas lutas contra o governo argentino pela independência de sua tribo.

Pense-se então com que maravilha e orgulho meus numerosos alunos da primeira série ginasial viram, na manhã de 18 de outubro, Zeferino entrar na aula com os livros debaixo do braço.

Todos os olhos fixaram-se nele, e ele encaminhou-se com naturalidade para o lugar que lhe fora marcado na última carteira. Depôs os livros, cruzou os braços e ergueu os olhos para o mestre. Aqueles rapazinhos de doze anos esperavam talvez assistir a alguma cenazinha semi-selvagem, mas logo deram-se conta de que não podiam esperar nada de extravagante.

Terminada a aula, Zeferino veio cumprimentar-me, com tamanha doçura e humildade que fiquei profundamente impressionado. Era então um filho de selvagem? — pensava com meus botões enquanto ele me falava. Era mais educado que todos os demais meus queridos moleques.

Disse-me que o P. Rua aconselhara-o a vir à minha aula, e me exprimiu logo o desejo de fazer-se sacerdote para voltar e fazer o bem à sua tribo. “Os araucanos não são maus — me disse —, mas

não conhecem o verdadeiro Deus. Meu maior desejo é o de salvar meus irmãos”.

## Poesia e aplausos

“No dia seguinte, 19 de outubro, Zeferino passou comigo todo o recreio da manhã, revelando-me com simplicidade todos os seus pensamentos. Disse-me que havia estudado um pouco de latim no colégio de Viedma e que desejava retomar o estudo.

Apesar das aulas e de freqüentar o terceiro ano de universidade, comecei a dar-lhe aula particular de latim todas as 16 horas, apenas deixavam a classe os demais alunos.

Zeferino traduzia muito bem à primeira vista, assimilava as explicações e raramente repetia erros uma vez corrigidos.

Seu comportamento escolar era esplêndido. Eu tinha pelo menos uns trinta alunos que se destacavam dos demais, sérios e estudiosos, mas Zeferino era sem dúvida o melhor de todos.

De caso pensado não interroguei Zeferino por alguns dias, para que ele se ambientasse bem; mas depois chegou a hora. Pedi-lhe que recitasse uma poesia. Todos os olhares voltaram-se para Zeferino num silêncio tão grande e curioso que se ouvia uma mosca voar. Levantou-se e começou com calma, com pronúncia exata, e chegou ao fim sem erros nem tropeços. Aplaudiram-no. Zeferino sentou-se e mergulhou os olhos no livro.

Encontrava-se de boa vontade com os colegas, embora mais jovens que ele. Respondia com discreta cultura às muitas perguntas sobre as estepes da Patagônia, as florestas virgens, os Andes, as tribos indígenas, os usos e costumes, e as lutas com os brancos. Algumas vezes as perguntas eram impertinentes, mas Zeferino nunca se exaltou: sorria e respondia com paciência.

Brincava pouco, talvez a doença que o minava lhe tirasse o entusiasmo, mas com prazer via-os brincar. Preferia passear e conversar muitas vezes comigo.

Esquivava-se de falar de si ou da família: uma vez apenas mostrou-me um par de estribos de prata que haviam pertencido a seu pai.

Parecia sentir o amor de Deus como nós sentimos o amor da mãe: forte, presente, confortante; era ele a essência de todos os seus pensamentos e de todas as suas ações”.

## **Da neblina de Turim ao sol de Roma**

Mas chegou o inverno. A densa neblina de Turim é veneno para aquele rapaz de rosto moreno. Sua saúde apresenta um novo e preocupante desgaste. D. Cagliero leva-o consigo a Roma e hospeda-o no colégio salesiano de Villa Sora, em Frascati, entre os olivedos e vinhas da campanha romana.

Zeferino volta às aulas, tenta ainda avançar no caminho do sacerdócio.

Este derradeiro esforço dura seis meses. Os meninos romanos, inquietos, vivos, exuberantes, sentem por esse rapaz um respeito que raia pela veneração. “Não o vi nunca sorrir com os lábios — lembra um deles —. Mostrava-se sempre sério, quase triste. Mas quando levantava a cabeça, habitualmente baixa, o sorriso brilhava-lhe nos olhos”. “Passeava no terraço acima do pátio — lembra um outro — e nos contemplava a brincar”. Na capela, aonde muitas vezes se retirava para rezar, todos o recordam absorto como um anjo.

Os resultados escolares, marcados no registro escolar, são esplêndidos. Não obstante a doença, a vontade de Zeferino é sempre de granito.

Na primavera de 1905, a queda. A tosse assume proporções impressionantes. Consome-o a febre. “Via-o definhar dia a dia — lembra um professor — caminhar cada vez mais penoso”. Murmurava: ‘Rezem por mim, para que possa sarar, ser sacerdote... se a Deus aprouver.’ “Pelo menor cuidado que lhe dispensasse — lembra o enfermeiro que o assistia — agradecia-me e mostrava-se grato”.

28 de abril. Zeferino é levado ao hospital Fabene-Fratelli, na ilha tiberina. Sabe que está para morrer, e pede a Comunhão.

Falece na manhã do dia 11 de maio.

## O pranto do velho cacique

Alguns dias depois, o missionário P. Bonetti sobe o vale do Aluminé. Alcança a casa do grande cacique. Poucos minutos depois Manuel Namun-

curá saiu, sentou-se à soleira da cabana e chorou. Murchara a mais bela flor da velha árvore.

Mas um dia de 1924 Zeferino voltou. Receberam-no cem meninos, que acompanharam seu pequeno ataúde até à capela de Fortín Mercedes, no Rio Colorado. Aí seus antepassados, armados de lanças, haviam combatido contra os conquistadores brancos. A derrota não extinguiu a altiva tradição índia. O primeiro santo argentino seria um jovem araucano.

